

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 4 | Nº 10 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4073037>



EDUCAÇÃO SUPERIOR: REFLEXÕES A PARTIR DO ADVENTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos¹

Júlio Paulo Cabral dos Reis²

Esther Caldiño Mérida³

Edwin Lamberto Flores Rangel⁴

Adriana Andrade Frich⁵

Resumo

O presente ensaio teve por objetivo refletir sobre a educação superior no cenário da pandemia da COVID-19. Para isso, discorre sobre os impactos gerais ocasionados no cenário brasileiro e, volta sua atenção para o setor educacional. Aponta as tensões e desafios no referido nível e as repercussões para os processos de ensino-aprendizagem. Também destaca as possibilidades da educação superior frente ao “novo normal”.

Palavras chave: COVID-19; Educação Superior; Pedagogia Universitária.

Abstract

The purpose of this essay was to reflect on higher education in the pandemic scenario of COVID-19. For this, he discusses the general impacts caused in the Brazilian scenario and turns his attention to the educational sector. It points out the tensions and challenges at that level and the repercussions on the teaching-learning processes. It also highlights the possibilities of higher education in the face of the “new normal”.

Keywords: COVID-19; Higher Education; University Pedagogy.

Ao centrarmos nossa atenção para o ano de 2020, podemos considerá-lo como um momento de mudanças drásticas e de rupturas nas relações vigentes da atual sociedade do conhecimento, como as

¹ Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN). Bolsista PNP/CAPE. Doutor e Mestre em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE) com período sanduíche (em ambas formações) pela Universidade La Salle México (ULSA). Mor de Comando da Banda Musical Morada do Vale (BMMV/Gravataí-RS). E-mail para contato: mendes.guilherme234@gmail.com

² Mestre em Ensino de Ciências e Matemática e Licenciado em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professor Efetivo de Matemática do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (EBTT/IFMG/Campus Ibirité). E-mail para contato: julio.reis@ifmg.edu.br

³ Doutora em Educação das Ciências, Engenharias e Tecnologias pela Universidade das Américas de Puebla (UDLAP/México). Mestre em Educação pela Universidade das Américas (UDLA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle México (ULSA/México) e do Curso de Doutorado em Educação da Universidade Marista (UMA). E-mail para contato: esther.caldinoma@udlap.mx

⁴ Doutor e Mestre em Formação Didática pelo Colegio de Investigación Educativa (CIE). Mestre em Educação pela Universidade Autónoma de Guadalajara (UAG/México). Professor do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade de Baja Califórnia – Campus TEPIC. E-mail para contato: profr_edwin@hotmail.com

⁵ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Iberoamericana (IBERO). Licenciada e Mestre em Sociologia da Educação pela Universidade Marista da Cidade do México (UMA/México). Coordenadora do Curso de Doutorado em Educação e Editora-Chefe da Revista Marista de Investigación Educativa da Universidade Marista (UMA). E-mail para contato: adriana.andrade@umarista.edu.mx



políticas, sociais, culturais, sanitárias, econômicas e educacionais, por exemplo. Tal afirmação vem ao encontro do acometimento da população mundial pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19) que, por sua vez, ocasionou tais transformações de modo ágil e com uma potencialidade inédita para a presente geração.

A pandemia da COVID-19 é uma patologia de característica respiratória que afeta o sistema imunológico do sujeito e, por consequência, pode ocasionar, desde sintomas leves à uma Síndrome Respiratória Aguda Grave – SRAG –, especialmente em pessoas caracterizadas como grupos de risco (idosos, doentes crônicos, diabéticos, por exemplo). De acordo com Bastos e colaboradores (2020), a SRAG acomete o paciente com um “combo” de sintomas⁶, tais como inflamação na garganta, tosse, febre alta, dificuldades para respirar o que, às vezes, potencializa a necessidade de hospitalização.

A pandemia teve seu início em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan/China e que, rapidamente, se disseminou para os outros países, transformando-a de alcance global. No Brasil, por exemplo, os primeiros casos registrados ocorreram entre o final de fevereiro e início de março. No presente momento, 24 setembro de 2020, podemos perceber a avassaladora transmissibilidade do vírus no país, visto que já temos – oficialmente – um total de 4.624.885 infectados e 138.977 óbitos, decorrentes das complicações da COVID-19 (BRASIL, 2020). Entretanto, podemos também identificar um total de 3.992.886 pessoas que já se recuperaram da doença e 493.022 que estão em acompanhamento (BRASIL, 2020).

Mesmo sendo um número elevado, o mais preocupante é que os registros oficiais podem não representar a realidade no país, em virtude da subnotificação de casos. De acordo com Prado e colaboradores (2020), o Brasil apresenta, aproximadamente, uma notificação que representa apenas cerca 9,2% do total de casos presentes no país. Diante de tal informação, poderíamos afirmar que, nessa lógica, em 24 setembro de 2020 teríamos um total de 50.270.489 pessoas infectadas no país.

Diante de tal cenário que se instaurou no país em março de 2020, decorrente da pandemia, a União, Estados e Municípios atuaram para minimizar os efeitos da transmissibilidade do vírus. Neste sentido, algumas medidas tomadas foram a adoção do isolamento social, da quarentena e do distanciamento como recursos de proteção sanitária. De acordo com Aquino e colegas (2020), o isolamento social corresponde à separação de infectados e não infectados para que se evite a transmissão do vírus. Já a quarentena consiste na restrição de movimentação social em virtude de uma doença contagiosa.

Cabe destacar que, na quarentena, as pessoas não são consideradas doentes, mas podem ter sido infectadas e serem assintomáticas. Conforme com os autores, ela é uma medida que pode ser voluntária

⁶ Não necessariamente o paciente tem todos conjuntamente.



ou obrigatória, mas que é uma potente alternativa de contenção da propagação de enfermidades infectocontagiosas. O distanciamento social, por consequência, acaba sendo a restrição de contato social entre as pessoas por meio do fechamento de espaços públicos/privados, instituições, bem como a permissão de abertura dos diferentes espaços, desde que se utilizem os protocolos de prevenção sanitária orientados à população.

Nesse sentido, ao olharmos para o cenário educacional, reconhecemos que este foi um setor muito afetado por tais implicações ocasionadas pela pandemia. A principal delas relacionou-se ao fechamento das instituições para promover a contenção da propagação do vírus e que, por conseguinte, influenciou no desenvolvimento da continuidade dos processos de ensino-aprendizagem. As escolas e Instituições de Educação Superior (IES) fecharam suas “portas” e, frente a essa realidade, tiveram que reinventar-se por meio do Ensino Remoto Emergencial (ERE) – entendido como a continuidade das atividades por meios virtuais, seja com interações síncronas ou assíncronas (ARRUDA, 2020).

Diante do contexto imposto pela questão sanitária, a não continuidade das atividades presenciais nas instituições educativas refletiu em um cenário não pensado para o atual momento – o ERE. Essa modalidade exigiu do corpo docente e dos gestores educacionais uma rápida tomada de decisão para continuar a efetivar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, bem como adaptar-se à utilização das tecnologias digitais para um viés didático-pedagógico. Infelizmente, especialmente na esfera pública, a imposição do distanciamento para a prevenção da vida, evidenciou assimetrias e desigualdades já conhecidas no Brasil. Entre elas, destacamos a dificuldade de acessibilidade aos recursos tecnológicos e à *internet* por parte da população. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), cerca de 40% da população possui microcomputador com acesso à internet nos domicílios e, aproximadamente, 59% possuem smartphones com pacote de dados móveis.

Na educação superior, a problemática também foi revelada como um dos grandes desafios para o prosseguimento das atividades. Para isso, diversas instituições estão promovendo políticas assistenciais aos estudantes para que possam ter condições de acompanhamento das aulas remotas. Tais auxílios convergem para a busca da garantia do direito do estudante à educação pautados no princípio de equidade. Instituições como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2020) – UFRN –, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2020) – UFRGS –, Universidade Federal do Ceará (2020) – UFC –, por exemplo, promoveram o acesso discente às referidas políticas.

Contudo, em virtude do ineditismo do fenômeno, as IES e a comunidade acadêmica estão adaptando-se à essa nova realidade. Ao nosso ver, o ERE está possibilitando uma maior compreensão sobre as potencialidades sobre a Educação a Distância - EaD, pois, mesmo que seja considerado uma modalidade de ensino-aprendizagem que surge para o atendimento de uma demanda específica em



período de crise, traz consigo elementos já consolidados da EaD. Esses elementos, por sua vez, são a utilização de plataformas digitais, videoconferências, ambientes virtuais de aprendizagem, por exemplo.

Desta forma, de maneira acelerada, o presente ano trouxe uma mudança paradigmática nas relações educacionais, uma vez que as tecnologias digitais eram tidas como recursos facultativos à *práxis* pedagógica docente e, hoje, são vistos como fundamentais para a efetividade do ensino-aprendizagem. Neste interim, compreendemos que este momento já está trazendo mudanças para pensarmos nossos sistemas educacionais e a formação, não somente dos nossos estudantes, mas também dos professores. Acreditamos que se está criando um “divisor de águas” no cenário educacional com o advento da pandemia da COVID-19.

Para esse “divisor” consideramos o *antes* correspondendo às práticas pedagógicas mais “engessadas”, tradicionais e com pontos isolados de inovação e utilização de artefatos tecnológicos digitais – muito já se utilizava na *pré-pandemia*, mas não era uma prática generalizada pelo corpo docente. Já o *presente*, consiste nesse período de transição, de apropriação e de compreensão sobre as necessidades que estão surgindo frente aos desafios desse contexto. Também é o momento em que surgem dúvidas, inquietações e reflexões sobre as (im)possibilidades de determinadas práticas e suas respectivas implementações, assim como os impactos gerados na efetividade do ensino-aprendizagem.

Para nós, o *depois* será um período de ressignificação dos processos educacionais, de ampliação de discussão sobre o currículo, a maior valorização do ensino híbrido e das interações por diferentes meios, presenciais ou virtuais, da implementação de novas políticas públicas e reformas educativas, dentre outras. Nos parece que está sendo percebido pela comunidade acadêmica que, mesmo estando geograficamente distantes, podemos estar reunidos virtualmente e promovendo as relações pedagógicas e, por conseguinte, a formação do sujeito.

Acreditamos que esta nova década que se iniciará (2021-2030) será marcada pela transitividade dos espaços educacionais e da reorganização curricular, de modo que as Instituições de Educação Superior, pouco a pouco, irão promover a maior ampliação do acesso e dinamismo dos cursos de graduação e pós-graduação, bem como conseguirão atingir públicos, até então, distantes fisicamente do *locus* universitário. Na graduação, a ampliação dos Polos de Apoio Presencial para cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu* a distância ou semipresenciais já vinham ganhando maior espaço nos últimos anos. Na pós-graduação, por sua vez, ações como os Mestrados e Doutorados Interinstitucionais (MINTER/DINTER) também vinham tendo maior visibilidade no cenário formativo de recursos humanos no país. Além disso, em 2019, já havia sido autorizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2019) – CAPES – a criação e oferta de mestrados e doutorados a distância. Deste modo, pensamos que estas e outras ações irão ser aceleradas pelo cenário deste ano.



Nessa perspectiva, a partir do *pós-pandemia*, pensamos que a “nova normalidade educativa” será permeada por mais ações e estratégias que buscarão explorar e extrapolar os limites dos “muros” universitários, ou seja, que será ressignificará a educação superior para um espaço mais dinâmico, mais próximo do mercado do trabalho e das demandas da sociedade do conhecimento do século XXI. As IES, por sua vez, já vêm mostrando seu papel formativo e sua potência para o mundo nesse cenário por meio das pesquisas científicas nas diferentes áreas do conhecimento e por sua tradição. Agora, com a “corrida” em busca de uma vacina para a COVID-19, revelaram-se, mais ainda, como espaços de produção do conhecimento e que estão à serviço da sociedade e, por extensão, os professores pesquisadores parecerem estar aumentando sua visibilidade.

Nesse sentido, voltando o nosso olhar para o ensino, nos parece que a docência e o papel formativo exercido pela educação na sociedade do conhecimento serão mais valorizados a partir de agora, uma vez que estamos, enquanto comunidade educativa, comunicando e socializando mais o que fazemos nos espaços institucionais para o mundo por meio dos recursos digitais via disseminação de atividades e eventos *online*. Dessa forma, pensamos que poderá ser um ganho para o aumento do prestígio social da profissão, já que o conhecimento da sociedade sobre o que está sendo desenvolvido e promovido no cenário educacional se perceberá, de fato, o quanto a educação é importante e crucial para a transformação e formação integral do sujeito. Ressaltamos que não estamos refletindo aqui sobre os impactos possíveis nas relações do trabalho docente com o empregador – que, ao nosso ver, sofrerá mudanças e merece ser discutida em outro momento –, mas sim, as potencialidades que já estão e, poderão, ser geradas a partir dessa nova realidade imposta pelo cenário pandêmico.

Acreditamos que mais exigências estarão presentes nas atribuições dos professores e que, elas, farão com que a profissão docente ganhe um viés mais amplo, dinâmico e tecnológico. Contudo, essa (re)invenção sobre o ser professor e o papel mediador nas relações de ensino-aprendizagem, se não houver um apoio dos sistemas de educação e da gestão institucional um olhar mais atento para a formação continuada e a promoção de um espaço propício de promoção para o desenvolvimento profissional docente, acabará por sobrecarregar, ainda mais, os professores.

Há a necessidade de se (re)pensar os limites e possibilidades da ação docente nos diferentes espaços educativos, na articulação e apoio pedagógico com outros profissionais para que possam subsidiar o trabalho do professor, bem como essas “novas” formas de ensinar e aprender – o novo aqui refere-se à massificação da tecnologia como recurso de aprendizagem, não a prática em si. Também acreditamos que há a necessidade de, cada vez mais, impulsionar a (auto)reflexão dos estudantes para comprometerem-se com a sua aprendizagem, de modo a compreenderem o seu protagonismo em sua trajetória formativa, tendo o professor como mediador desse processo.



Contudo, como afirma Boaventura de Sousa Santos (2020), a mudança de paradigma é um processo que, mesmo sendo imposto rapidamente, depende da população para que realmente as mudanças ocorram. Para ele, o pós-pandemia será marcado por um grupo que irá buscar encontrar o mundo que conheciam antes, o grupo que está se adaptando às transformações vivenciadas e o grupo que tentará renovar o processo até então conhecido. Nesse sentido, as divergências, inquietações, reflexões e inovações serão cada vez mais presentes e, por meio delas, que será consolidará o novo normal.

Diante do exposto, também não podemos pensar que a educação superior continuará sendo como antes, pois as rápidas mudanças que se realizou ao longo de 2020 já estão refletindo no processo de se pensar a formação educacional. Claro que a mudança não será instantânea, mas poderá ser percebida ao longo dos anos e, buscará refletir com maior intensidade o que se espera para a sociedade do conhecimento contemporânea, ou seja, um ensino mais globalizado, tecnológico, híbrido e dinâmico.

Por fim, ao nos encaminharmos para uma consideração final deste ensaio – mesmo que seja um início de múltiplas reflexões que surgirão em virtude do fenômeno em tela –, destacamos que o momento no qual estamos vivenciando está sendo um ambiente de distintas visões. Dentre elas, salientamos as novas descobertas, os desafios, as tensões e revelações de assimetrias sociais, bem como na conscientização da valorização de espaços institucionais como potentes *lócus* de ensino-aprendizagem, ou seja, as instituições educativas. Com o surgimento da pandemia da COVID-19, o mundo e a educação superior – cerne desta discussão – está aprendendo, rapidamente, a estabelecer novas formas de relacionamento social, político, econômico, sanitário e outros. Certamente, o “novo normal” já está sendo a “normalidade” e, por sua vez, essas mudanças que percebemos dia após dia, estão constituindo-se como um arcabouço para sermos agentes de transformação do futuro da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AQUINO, E. M. L. *et al.* “Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil”. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 25, supl. 1, jun. 2020.

ARRUDA, E. P. “Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19”. **EmRede - Revista de Educação a Distância**, vol. 7, n. 1, 15 maio 2020.

BASTOS, L. S. *et al.* “COVID-19 e hospitalizações por SRAG no Brasil: uma comparação até a 12ª semana epidemiológica de 2020”. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 4, n. 36, abr. 2020.



BRASIL. Ministério da Saúde. **COVID-19**: Painel Coronavírus. Brasília: MS, 2020d. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 24/09/2020.

CAPES - Coordenação de Pessoal de Nível Superior. **Portaria n. 90, de 24 de abril de 2019**. Brasília: CAPES, 2019. Disponível em: <<http://uab.capes.gov.br/index.php>>. Acesso em: 24/09/2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese dos indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 24/09/2020.

MARANHÃO, R. A.; SENHORAS, E. M. “Orçamento de Guerra no enfrentamento à COVID-19: entre manobras parlamentares e batalhas políticas”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 6, 2020.

PRADO, M. F. *et al.* “Análise da subnotificação de COVID-19 no Brasil”. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, vol. 32, n. 2, jun. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

UFC - Universidade Federal do Ceará. **Edital n. 11/2020/PRAE/UFC – Auxílio Inclusão Digital**. Fortaleza: UFC, 2020. Disponível em: <<http://www.ufc.br/>>. Acesso em: 24/09/2020.

UFRGS - Universidade Federal de Rio Grande do Sul. **Edital n. 09/2020 – Auxílio Emergencial para Inclusão Digital**. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/inicial>>. Acesso em: 24/09/2020.

UFRN - Universidade Federal de Rio Grande do Norte. **Resolução n. 023/2020-CONSEPE, de 01 de junho de 2020**. Natal: UFRN, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrn.br/>>. Acesso em: 24/09/2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 4 | Nº 10 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima